

MAX KRUGER

234
A

" O MOSQUITO E A DENGUE "

PELOTAS-RS



PERSONAGENS

.....
O Mosquito

A DENGUE

Dona Zanda

Corró

Pimpão

Pipoca

Gabi

.....
O MOSQUITO E A DENGUE

Autor

Max Krüger

Administrador do Espetáculo

Róger Von Krüger

Iluminação e Sonoplastia

Grupo GATA

Trilha Sonora

Max Krüger

Guarda Roupa

Julie Meri

Montagem

Grupo GATA

Direção Geral

Max Krüger

.....
APOIO

FUNDAPEL

CENTRO DE ESTUDOS CINEMATOGRAFICOS "PERY RIBAS"

RBS TV

ATLANTIDA FM

COSMOS FM



"A Julie Meri, minha mulher, que me inspirou e ajudou Max Krüger"

Pelotas-RS

Junho/1986 .



ATO ÚNICO



CENA 1

As cenas se passam em um dia qualquer no Brasil - Cenário, uma secretaria da saúde improvisada, com uma mesa, cinco cadeiras, um pingetor de pressão, pneus, flores, xaxins, um sexto de lixo etc.

ZANDA, UMA FISCAL DA SAÚDE E SEUS QUATRO MATA-MOSQUITOS, Q-ENTRAM PELO PÚBLICO. (E.D.)

ZANDA - (luz clara, sentada ou não em uma mesa, com uma prancheta e um ingetor de pressão ou aparelhos descartáveis, faz uma chamada um a um de sua equipe Mata-mosquitos). - Minha presença hoje aqui é valiosa, precisamos chamar alguns voluntários para um trabalho muito importante. Quem estiver interessado, pode se apresentar.

Olha! o magnífico, o fenomenal com sua máquina de fazer chí-chí. CORRÓ, (entra e agradece). O segundo combatente é de real importância, o caçador de borboletas, premiado com cinco medallas. "PIMPÃO". (entra e agradece). A terceira chamada é a combatente com sua lanterna quilométrica. "PIPOCA". (agradece). E por último, a grande estrela com sua misteriosa lupa. "GABI" (agradece). Agora que se apresentaram, direi que foram escolhidos para uma missão importante.

- Como já é do conhecimento público, precisamos combater o MOSQUITO transmissor da A"edes Aegyptii. (os quatro arregalam os olhos com intuito de surpresa). Quando menos se espera, ele aparece em cantos escuros, quente e úmidos. - É exclusivamente doméstico, cria seus filhotes em latas ou pneus que tenham água parada, em vasos de flores aquáticas e pratos de xaxins. (todos se agarram uns aos outros com os olhos arregalados). Sabemos que não é uma tarefa fácil, mas que trará grande benefício para a saúde pública.

- Ele se diz o mais "charmoso e elegante", de cores preta e branca, suas asas brateadas e luminosas. (os mata-mosquitos se agarram uns a os outros e olham para todos os lados). A sua contaminação, tráz alguns sintomas desagradáveis; nas crianças febre alta, dor de cabeça. Nos adultos além desses sintomas, surgem vômitos, erupções na pele, dor de garganta, nas ar-

ticulações, nos músculos e os olhos ficam con-
gestionados. (os quatro tentam se mandar e são |
impedidos por Dona Zanda que lhes pára com um |
grito).

ZANDA - Todos já para seus lugares! O que é isso? O que
está acontecendo? Vocês é que escolheram esse
trabalho. - Continuando: Nunca se deve deixar |
água parada em seus pátios residenciais. - A con-
taminação do vírus da DENGUE pode trazer sérios:
aborrecimentos, mas tudo se recupera em dez dias
- (mais confortados os quatro sentem um alívio)

OS QUATRO - Ainda bem !!!
É importante salientar que a pessoa vacinada con-
tra a febre amarela, não corre risco de saúde, |
mesmo porquê, a vacina tem um período de duração
de dez anos. (pausa). Que disseram? Que sou uma |
chata!

OS QUATRO - (mesmo jogo) Nããão !!!

ZANDA - Ainda bem. Mas não precisam gritar ! - Estão pre-
parados?

OS QUATRO - (mesmo jogo) Estaaamos !!!

ZANDA , - Então todos em fila ! Vocês vão fazer uma vacina
contra a febre amarela. (todos começam uma corre-
ria). O que é isso ? O que é isso ? Onde estão |
os grandes corajosos? Voltem já para seus luga |
res ! (todos retornam com cara de choro e entram
na fila). (Dona Zanda com um ingetor ou um apa-
relho descartável, passa a fazer a vacina, menos
em GABI, que foge protegida com uma cadeira, sem
sêr vista). A vacina não dói nada. Uns guris des-
se tamnao fazendo fiasco!

- Acho que estamos comprendidos! (guarda o mate-
rial).

OS TRES - (mesmo jogo). Estaaamos !!!

ZANDA - Mas não estamos. Ue'! Onde se meteu aquela meni-
na! Preciso encontrá-la. (para o público) e essa
agora! Isso pode custar o meu emprego. (para os
mata-mosquitos). Espero êxito nesse trabalho.
(Zanda vai sair de cena e Corró a chama).

CORRÓ - (cutucando os colegas). Dona Zanda! Dona Zanda'!

ZANDA - (que havia parado). O que você quer minono?

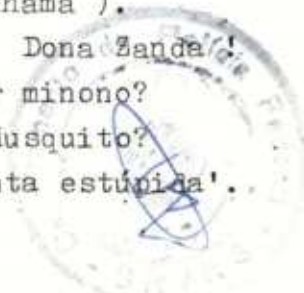
CORRÓ - Como a Senhora chama, Mosquito ou Musquito?

ZANDA - (com uma cara feia). Ora que pergunta estúpida'.
é MOSQUITO.

CORRÓ - ER-RA-DO

ZANDA - Errado como?

CORRÓ - Agente não chama, ele vem sozinho. (os três ri-
-



- em).
- ZANDA - (mostra-lhe a mão). Corró você merecia umas pal_ madas ! (sai de cena com uma cara mais feia do mundo. (E.D.)
- CORRÓ - Gente, agora é arregaçar as mangas e ir em fren_ te. Começa por você Pimpão !.
- PIMPÃO - Você que fala em arregaçar as mangas, e eu que vou em frente?
- PIPOCA - Você nem parece que conhece o Corró, é uma bai_ ta medroso !
- CORRÓ - Cala a boca Dorotéia, mais respeito comigo.
- PIMPÃO - E você respeita alguém?
- CORRÓ - Claro que sim. É um dever de um para com o ou_ tro.
- PIPOCA - Olhem só, como está falando difícil? (Corró se enche de razão).
- PIMPÃO - Nós viemos aqui para trabalhar ou para conver_ sar?
- CORRÓ - Tá legal. (corre até o fundo da cena e grita no absurdo). Zanda !!! (ri)
- PIPOCA - Por que você não faz isso, quando a Zanda Caçam_ ba está aqui?
- PIMPÃO - Tá puxando saco fedorenta!
- CORRÓ - Tá legal! Tá legal! - Pimpão, o que você faz | com essa baita rede ?
- PIPOCA - Nossa! Caça borboletões e borboletinhas. (rindo)
- PIMPÃO - E você o que faz com esse baita chí-chí ?
- CORRÓ - Com esse chí-chi, não escapa nem tigrões, nem | borboletões !
- PIPOCA - Que guris nojentos. (pausa) Vocês são é dois | baita medrosos. Quem vai em frente sou eu. (co_ meça a procurar alguma coisa).
- CORRÓ e
- PIMPÃO - (fazem uma imitação de mosquito). Zuum...Zuum.
- PIPOCA - (distraída, dá um pulo). Ai! que susto ! De onde vem esse zunido?
- CORRÓ e
- PIMPÃO - (ao mesmo tempo, rindo). He, he, he... Ha, ha, ha
- PIPOCA - (para o público com o dedo fazendo mímica de si_ lêncio, pega os dois pelas orelhas). Fizaram eu levar tamanho susto ! (chuta o traseiro deles).
- CORRÓ - Onde está a grande combatente com sua lanterna | quilométrica?
- PIPOCA - Pimpão, você precisa fazer o Corró tomar galto .
- PIMPÃO - Corró, chí, chí, dá para parar?
- CORRÓ - Tá legal, tá legal. - Zanda !... (absurdo). (o mosquito sem ser notado, passa a observar os

- mata-mosquitos).
- PIMPÃO - O que estará acontecendo à GABI ! Deve estar a procura do vampiro de asas prateadas e luminosas (O Mosquito, faz gestos de risos).
- CORRÓ - Já tem vampiro também?
- PIPOCA - Não é vampiro, é o mosquito transmissor... Transmissor do que mesmo?
- CORRÓ - Da Aédi Egipi ! Se isso é nome para mosquito. (os demais procuram alguma coisa).
- PIMPÃO - Pessoal ! A Gabi está correndo perigo ! Vocês sabem muito bem que ela não foi vacinada.
- PIPOCA - Coitada! E esta precisando de ajuda. (O mosquito se retira sem ser notado).
- CORRÓ - Ela devia agora era levar uns tabefes para aprender.
- PIMPÃO - Você fala assim porque não está no lugar dela.
- CORRÓ - Bem, eu não quis ofender ninguém com isso.
- PIMPÃO - (que passa a mão pela barriga simulando querer coisa). Gente! Faz uns dois dias que não consigo fazer cocô!
- CORRÓ - Tenho um santo remédio! Uma pílula, pum, duas pílulas pum, pum, três pílulas...
- PIPOCA - Que guri nojento!
- Vamos embora gente, sabe lá o que estará acontecendo com a Gabi. (todos saem de cena) E.D.

CENA 2

GABI o MOSQUITO e a DENGUE

- GABI - (entra em cena, é noite, procura alguma coisa, | som com sapos e grilos). Onde estarão meus coleguinhas! - Eu errei em não ter feito a vacina contra a febre amarela.
- Bem, mas eu penso que de repente havemos de nos encontrar. - Devem estar à caça de borboletas, | ainda bem que não maltratam as pobrezinhas! (Procura alguma coisa, em seguida chama pelos companheiros). PIPOCA ! PIMPÃO ! CORRÓ ! (fica sem resposta). Devem estar em alguns lugar perto daquí. (Gabi, sente algum zunido estranho ao longe que a os poucos fica mais alto e mais perto. Começa a sentir medo, aperta o seu peito com as mãos. Um desconhecido sem ser visto, chama por Gabi). (E.D)
- MOSQUITO - (ainda fora de cena, chama por Gabi). Menininha! Oi! Menininha!
- GABI - (com muito medo, exclama). Quem me chama?
- MOSQUITO - (ainda sem ser visto). É um grande admirador seu

- GABI - De quem é essa voz? Porque não diz o seu nome?
- MOSQUITO - (é noite clara, responde com surpresa). Ora! menina, ainda preciso dizer quem sou? (ri)
- GABI - (que leva um tamanho susto, bota a boca no mundo) |
Aai! Que susto meu Deus !!!
- MOSQUITO - E então: Não sou charmoso e elegante? (ri)
- GABI - (gaguejando muito e, com medo). Sim... Vo...cê é muito char...char...moso e ele...elegante. (para o público, se benze, quando se vira dá com a dengue | entrando em cena).
- MOSQUITO - Apresento para você menininha, minha inseparável |
companheira.
- DENGUE - (com passos de balé). Ooi! Muito prazer menininha. |
Hi, hi, hi. Hi, hi, hi.
- GABI - (totalmente arrasada, apertando cada vez mais o seu |
peito com as mãos). Então você é o vilão que suga |
o nosso sangue?
- MOSQUITO - Exatamente minha cara menininha. (ri)
- GABI - E você é a Dengue?
- DENGUE - Sim, é claro, quero dizer: Sou eu mesma menininha! |
Hi, hi, hi,...(Gabi tenta uma fuga a qual é impedi- |
da pelo Mosquito).
- GABI - (com cara de choro) Eu quero meus coleguinhas!
- MOSQUITO - Um momento! Eu gostaria de saber quem disse a você |
que sugo o sangue das pessoas? Vamos! Fale! (A Den- |
gue, torcendo para que tudo dê certo).
- GABI - (chorando e gaguejando muito). Foi... Foi...a Dona. |
: Dona Zanda. Uma fiscal da saúde. Mas... mas eu...eu |
quero ser amiga de vocês.
- MOSQUITO - (com ironia). Mas eu não quero ser seu amigo.
- DENGUE - (com ironia). Nem eu.
- GABI - (ainda chorando e gaguejando, não sabe como fazer |
para se livrar dos vilões). Mas... mas... eu estou |
estou...(a parte). Meu Deus! preciso fazer alguma |
coisa.
- MOSQUITO - Não sei porque essa menina gagueja tanto, não esta- |
mos lhe fazendo nada! Apesar de ser aqui um lugar |
que preenche minhas exigências. Portanto, preciso, |
fazer algo que me satisfaça. (para o público). Há! |
Já sei, um pouco de sangue me fará muito bem! Só |
assim poderei manter meu charme. Hu. hu. hu...
- DENGUE - (fazendo gestos que tudo está no caminho certo - |
para o público). O bonitão tem uma lábia que dá pa- |
ra sentir inveja. Hi, hi, hi...
- GABI - (ainda chorosa, procura se fazer amiga dos vilões |
sem gaguejar). Bonitão, não vai querer sugar o meu

- sangue! Eu sou uma garota legal! Já disse, quero a amizade de vocês.
- MOSQUITO - (Vai em direção a Gabi). Não ! Nunca ! Você esta ligada àquele bando de malfeitores, que querem acabar comigo.
- DENGUE - O bicudão está ficando nervoso menininha, se eu fosse você dizia onde estão os coleguinhas.
- GABI - Mas eu não posso dizer uma coisa que eu não sei!
- MOSQUITO - Você esta se fazendo de boba. Chega! E tem mais: (para o público), Gosto de meninas e meninos que NÃO escovam os dentes, NÃO deixam a sua mãe dar banho e muitas coisinhas mais.
- GABI - (chorosa). Mas eu tomo banho todos os dias ! Agora posso estar suja, andei muito por aí. Mas sou caprichosa!
- MOSQUITO - Mas eu afirmo que tem coisas que você não faz. Um exemplo: Você não troca a água dos vasos de flores quando sua mãe pede! - (Gabi chorosa). Isso tudo me facina! Só assim eu posso criar os meus filhotes.
- DENGUE - Você está vendo menininha, como o bonitão sabe cuidar de sua família! Hi, hi, hi... (para o público). Como eu adoro ouvir o bonitão conversar.
- GABI - Por favor! Deixem eu ir embora ! (para o público - Me ajudem!
- MOSQUITO - (com ironia). Ninguém vai ajudar você. Primeiro eu preciso dar umas picadinhas em você.
- GABI - (chorando de verdade). Por favor! Por favor! Eu não estou fazendo mal nenhum a vocês.
- MOSQUITO - De conversa já estou até aqui. Preciso saciar a minha fome. Chega de blá, blá, blá, (vai em direção a Gabi e a agarra, ésta tenta se desvencilhar sem obter sucesso, Não! Não!. Me solta! O mosquito passa a dar-lhe picadas pelo corpo. (a Dengue sempre torcendo para tudo dar certo).
- DENGUE - (para o público). Só assim poderei ficar mais conhecida. Hi, hi, hi...
- MOSQUITO - (após deixar sua vítima estendida no chão). O resto é com você bonitona. Hu, hu, hu... (sai p/E D.)
- DENGUE - Que delícia! Obrigada bonitão. Hi, hi, hi...
- GABI - (no chão sentindo muito). Que dor de cabeça! Dói minhas pernas! Não tenho forças para caminhar. Acho que estou com febre alta. Quem vai me ajudar dar? ! (acaba semi-desmaiada).
- DENGUE - Agora vou saciar a minha fome. Hi, hi, hi... (

DENGUE - Agora vou saciar a minha fome. Hi, hi, hi... (nesse momento, entra ZANDA que não vê a Dengue de saída. Fazendo caretas e figas, sai pela E.D.)

CENA 3

ZANDA A PROCURA DE GABI

ZANDA - Por onde andaré aquela menina fujona?! - Tenho | um grande receio, não foi vacinada, e isso preocupa a mim. (para o público). Agora quem esta com | medo sou eu! Isto pode custar o meu emprego! Se | pode! (chama). GABI! onde esta 'você menina! (Gabi se retorce na chão solta gemidos de dor). Onde en- | contrá-la vai levar umas palmadas! (passa a ouvir | gemidos de alguém). Zanda encontra Gabi semi-des- | maiada). Ó! que horror! Deve ter sido os malditos | vilões, o Mosquito e a Dengue. Não sei porque es- | ta menina foi fugir da vacina. Não dói nada, nada | Agora preciso levá-la imediatamente para o hospi- | tal, e será salva. Assim não perderei o meu empre- | go! (pega a menina e sai as pressas de cena pela | (E.D.)

CENA 4

O MOSQUITO E A DENGUE

MOSQUITO - (entra em cena pela E.D.) Quem me dera ter mais | alguém para saciar a minha fome. Sei que isso não | será difícil. Hu, hu, hu...

DENGUE - Quem sabe os coleguinhas da menina? Hi, hi, hi...

MOSQUITO - Que delícia! seriam pratos deliciosos. Só assim | eu consigo manter meu charme, e minha elegância.

DENGUE - (para o público). Parece que eu e o bonitão temos | algo em comum. Hi, hi, hi... (para o mosquito). | por acaso você acha eu parecida com a mulher de | óculos e tapapó?

MOSQUITO - Claro que não! Você é charmosa, bonita e elegan- | te. Hu, hu, hu... Aquela mulher só pensa em matar a | gente!

DENGUE - (que dá uns empurrõesinhos no mosquito). Você que | é bonitão e tem bom gosto. Hi, hi, hi...

MOSQUITO - Não é para me gabar, mas todos dizem assim. (para | o público). Não é mesmo pessoal!

DENGUE - Sabe bonitão, quando eu estava para saborear aque- | la sobremesa após o seu jantar, a protetora dos | nossos amiguinhos, quase se encontra comigo.

MOSQUITO - Você não quis enfrentar a nossa querida amiga?

- DENGUE - Deus me livre! Sem você, não tive outra alternativa se não fugir.
- MOSQUITO - Então a menininha foi salva? Mas seus colegas não terão a mesma sorte. Vamos mandá-los para o hospital de pés-juntos. Hu, hu, hu...
- DENGUE - Sabe bonitão, com você a história é bem outra. Hi, hi, hi...
- MOSQUITO - Aliás, você sabe que eu nunca deixei você na mão. Não seria agora que eu iria desistir.
- DENGUE - Sabe bonitão! Eu gosto de ver você lutando, até parece o REMEN. Hi, hi, hi... - Outra coisa que eu acho engraçado é o seu bicudinho. Hi, hi, hi..
- MOSQUITO - Mas eu não acho nada engraçado! Bicudinho não. | Bicudão!
- DENGUE - Bicudão também é bonito. (pausa). Eu sei que você é um excelente cantor. -Posso lhe fazer um pedido?
- MOSQUITO - Claro, claro que sim, até mais do que um.
- DENGUE - Você canta aquela quadrinha que eu tanto gosto, | como é mesmo o nome? Há! Agora lembrei. O MOSQUITO E A DENGUE. Hi, hi, hi...
- MOSQUITO - Bem, quer dizer... eu estou um pouco desafinado, mas não me custa tentar.
- DENGUE - Eu fico deslumbrada quando ouço a sua voz. Hi, hi hi...
- MOSQUITO - Como é um pedido seu, espero não decepcionar. (a Dengue começa a formar seus passos de balé).
- MUSICAL - (A quadrinha do MOSQUITO e a DENGUE).

1

MOSQUITO - Eu sou elegante e bonitão
Gosto de vasos com flores e xaxins
Assim vou sugando sangue
Para se lembrarem de mim.

2

Eu sou charmoso e elegante
Um mosquito diferente
Quando encontro minhas fãs
Sempre fico sorridente.

3

Sou o mosquito transmissor
Minha vida é agitado
Quando dou o meu autógrafo
Tudo está contaminado.

4

O mosquito e a Dengue
Satisfeitos e muito alegres



Nossas vítimas se sentem mal
Com muita dor e até febre.

- DENGUE - (que dava seus passos de balé). Que maravilha! |
Você não está desafinado. (bate palminhas). Nem
poderia decepcionar. (para o público). Não é mesm
mo pessoal!
- MOSQUITO - (com a vaidade que lhe é peculiar). Assim é dema_
is, isso já é bondade sua bonita.
- DENGUE - Estou falando sério! Você sabe que eu nunca mentí
Você bem que poderia estar cantando em um coral |
de uma orquestra sinfônica! Fazendo parceria com
Betow e Mozer. Hi, hi, hi...
- MOSQUITO - Quem sabe o tempo dirá isso. - Bem, minha cara |
amiga! Precisamos fazer uma vizita aos nossos ami
guinhos dos colégios.
- DENGUE - Os seus pensamentos são maravilhosos!
- MOSQUITO - Obrigado. E os nossos amiguinhos da secretaria? |
Chega me correr água da boca! Vamos depressa boni
tona! (os dois vilões de braços dados vão saindo |
pela E.D. com luz para a noite).

CENA 5

- CORRÓ, PIMPÃO e PIPOCA depois ZANDA
- Luz notitê - (entra os três mata-mosquitos, agarrados uns a |
os outros, olham-para todos os lados, ao entrar |
em cena, luz para noite clara - pela E.D.)
- CORRÓ - O que estará acontecendo com a Gabi?
- PIPOCA - Coitada! Deve estar em apuros!
- PIMPÃO - Viu? Em que dá ser fujona! E não estar vacinada?
- CORRÓ - (disfarçando, dá uma palmada no bumbum de Pipoca).
Fluft.
- PIPOCA - Aai! que susto! Guri nojento! Isso são horas para
brinquedo!
- GRAVAÇÃO - (Zunido de insetos). os três mata-mosquitos se
agarram uns aos outros pelo espaço de sete a oito
segundos, para o zunido).
- PIMPÃO - Cruzes credo! (se benze). Até parece uma brincade
ira de mau gosto!
- CORRÓ - Onde está o grande Pimpão borboleta, premiado com
cinco medalhas?
- PIMPÃO - E onde está o fenomenal com seu poderoso chí, chí.
- PIPOCA - Não querem saber da minha lanterna quilométrica?
- CORRÓ - Cala a boca Dorotéia! (Pipoca parte para cima de
Corró, enquanto isso, pimpão procura alguma coisa
- PIMPÃO - Psiu! Psiu! - Peguei, peguei! (se atira no |

chão).

- CORRÓ E
- PIPOCA - (mesmo jogo). Pegou o quê ???
- PIMPÃO - (vai levantando devagarinho). É prateado !
- CORRÓ E
- PIPOCA - (mesmo jogo). Um filhote de mosquito ??
- PIMPÃO - Não! É uma moedinha de cinco centavos. (Corró e Pi
poca caem em cima de Pimpão).
- PIPOCA - Guri bobalhão!
- CORRÓ - Isso não é novidade. (por trás de Pimpão). Agora |
peguei o bixo!
- PIPOCA - Onde! Onde!
- PIMPÃO - Solta a minha orelha.
- CORRÓ - É um bichinho preto e prateado!
- PIPOCA - Guri bobo! É um cocô de passarinho. (Pimpão se ati
ra em cima de Corró).
- PIMPÃO - Será que dá para parar com esse tipo de brincadei
ra?
- CORRÓ - Tá legal! Tá legal! - (absurdo). Zaaandaa!!!
(que diz do teatro absurdo).
- PIPOCA - Será que vocês não têm outra coisa para fazer? -(
dá um beliscão em Corró).
- CORRÓ - Qual é a tua Dorotéia? (se esquivando).
- PIMPÃO - (que estava a procura de algo). Hei pessoal! Por |
onde andará o elegante, o luminoso?
- CORRÓ E
- PIPOCA - (imitando o mosquito com seu palavriado). Estou A
quí meu coleguinha!!
- PIMPÃO - Hai! Que susto pô! (se agarra em Corró e Pipoca |
que caem na risada).
- CORRÓ - Zaaandaa!!! (na boca de cena).
- PIMPÃO - Vocês são é dois baita medrosos!
- CORRÓ - Pimpão borboleta que se assusta e nós que somos |
medrosos.
- PIPOCA - (que procurava alguma coisa, se assusta). Hai!
- PIMPÃO - O que foi? Alguma cobra?
- PIPOCA - Não sei sumiu!
- CORRÓ - Cala a boca Dorotéia! (se esquiva de Pipoca).
- PIPOCA - Só porque tu quer;
- PIMPÃO - Tenho uma idéia maravilhosa! Quem sabe agente can
ta o nosso Hino?
- PIPOCA - Bá! Tá legal!
- CORRÓ - O HINO DOS MATA-MOSQUITOS. Aprovado por unanimida
de. (com fundo musical Hino da Independência).



Nossa luta é ardente e varonil
 Conhecemos o mosquito transmissor
 Que preocupa as pessoas do Brasil. (chi, chi).

2

Ele se diz, charmoso e elegante
 Preto e branco, prateado e agitador
 Nós somos os mata-mosquitos
 No combate ao inseto malfeitor. (chi, chi).

3

Nós somos combatentes corajosos
 Procuramos agir com rigor
 Nossas vidas correm grande risco
 Acabaremos com o mosquito sugador. (chi, chi)

4

Só assim conseguiremos
 Não deixar a Dengue em ação
 Nós com raça venceremos
 E com acabará nossa missão. (Pã, parã rã pã, chi ,
 chi).

- ZANDA - (que estava entrando em cena, ainda ouve a última | frase do hino, fala com dureza). Vocês vieram aqui para trabalhar ou cantar? Qual será a resposta agora?
- PIMPÃO - Dona Zanda, nós não chegamos a decepcionar?! (para o público). Não é mesmo pessoal??
- ZANDA - Quer dizer, que não estavam decepcionando?! (com as mãos nos quadrís).
- PIPOCA - Eu, estava só dando uma forcinha para os gurís!
- CORRÓ - Dona Zanda!!! Eu preciso falar.
- ZANDA - Não precisa gritar, não sou surda! Pois então fala.
- PIPOCA - O Corró, quis dizer... ou melhor, falar, que nós | estamos chateados pela fato da Gabi não estar junto de nós. (os dois colegas, fazem sim com a cabeça).
- ZANDA - Bem... em verdade, aquela menina deu um pouco de | trabalho, mais esta fora de perigo. (pausa).
 Pior é o tigre asiático!
- OS TRES - (mesmo jogo). Tigre asiático!!! (começa uma coreria para tudo que é lado).
- ZANDA - O que é isso??!! O que está acontecendo?! Já para | seus lugares. (Corró, por trás de Zanda lhe fazendo do gestos engraçados, sem ser visto pela mesma).
 Havemos de encontrar alguma forma para combater o mosquito Aedes Abupitu também, pois ele é transmissor da encefalite.
 Bem pessoal vamos ao trabalho! O que fizeram até

- o momento? (todos se olham e arriscam).
- CORRÓ - Nós vimos um bicho! Suas cores, preto e branco, as asas eram prateadas e luminosas, quando nos aproximamos dele, ele fugiu. (Pimpão e Pipoca, sempre que sim com a cabeça).
- PIMPÃO E
- PIPOCA - É verdade Dona Zanda!!
- ZANDA - Então é o mosquito Aedes Aegyptti, transmissor da Dengue. (os três se finam rindo sem serem notados por Zanda).
- ZANDA - Ao trabalho pessoal! Pimpão, você alí, Pipoca naquele lado, o Corró lá. O que vocês estão esperando? Vamos depressa! Depressa!
- PIMPÃO - (procurando alguma coisa). Dona Zanda, tem uma minhoca se mexendo aqui!
- ZANDA - (com a lupa de Gabi, passa a examinar o local). É uma larva! Precisamos levar este filhote do mosquito para testes de laboratório! Corró, você põe a larva dentro de um vidro.
- CORRÓ - (espantado). Eu!!! (com os olhos arregalados).
- ZANDA - E com quem, por acaso, estou falando??!! (durona).
- PIMPÃO - Dona Zanda, o vidro está com a Gabi! (Corró que já ia se mandar, pára.)
- ZANDA - Bem... bem, é verdade eu estou com o vidro e a lupa da Gabi, até já havia esquecido. (Zanda coloca a larva dentro do vidro). É preciso mostrar serviços. Certo! (sai de cena olhando para o vidro, - lado E. D.).
- CORRÓ - (arremedando Zanda), É preciso mostrar serviços pessoal. Certo! (para o público). Uma baita puxa saco, que só pensa nela, não é pessoal?
- PIPOCA - Ela pensa assim porque não éo dela que vai arder quando se enfrentar com o Bicudão! Ainda vem falar em tigre asiático!!
- CORRÓ - (desprevenido). Onde? Onde?
- PIPOCA - Onde o quê?
- PIMPÃO - Você não falou em tigre asiático! (louco de medo).
- CORRÓ - Onde está o Pimpão borboleta, premiado cinco vezes?
- PIMPÃO - Corrozinho, dá para parar com as brincadeiras? Dá?
- PIPOCA - Assunto encerrado.
- CORRÓ - Eu quero ver é a cara do tal mosquito, quando ele souber que caçamos um membro de sua família.
- PIMPÃO - Acho que por hoje chega, pessoal.
- CORRÓ - Hu! Já tem chefe aqui? (Pipoca ri).
- PIMPÃO - Não foi isso que eu quis dizer.
- CORRÓ - Pimpão borboleta, democracia não tem chefe. Quem tem chefe é índio.

- PIPOCA - Bravos, para o político exterminador!
 PIMPÃO = E quem vai votar em tí?
 CORRÓ - Os Pimpãos da vida. (Sai de cena pela E.D.)

CENA 6O MOSQUITO E A DENGUE E DEPOIS OS MATA-MOSQUITOS.

(Os dois vilões entram em cena de braços dados, olhando um para o outro com muitos risos). E.D.

- MOSQUITO - Minha cara amiga, estou sentindo falta de alguma coisa!
- DENGUE - Bonitão! O que está passando pela sua cabeça? Chi hi, hi...
- MOSQUITO - Eu sempre penso no que melhor me convir. Por exemplo: - Hoje uma boa sobremesa após o jantar. Que tal?
- DENGUE - Que delícia! Você tem um fino gosto. Hi, hi, hi...
- MOSQUITO - Por onde andará o exterminador, de borboletas é claro! O outro que tem um poderoso chi, chi, a outra com sua lanterna quilométrica, isso tudo me faz rir. Hu. hu. hu...
- DENGUE - Mas o caçador de borboletões e borboletinhas foi premiado com cinco medalhas.
- MOSQUITO - Hó! Que bela notícia, você nem parece que me conhece.
- DENGUE - Mas por você bonitão, são capazes de dar a taça da copa do mundo.
- MOSQUITO - Mas não com a seleção do Telê! Isso me faz rir. Hu, hu, hu...
- DENGUE - Agora estão falando que vão renovar todos os valores da seleção!
- MOSQUITO - Essa copa já bailou.
- DENGUE - Mas não está muito longe daqui!
- MOSQUITO - Você é supersticiosa. (para o público). Não é mesmo pessoal?
- DENGUE - Você tem razão. Quando fala, sua voz faz estremecer a todos. Hi, hi, hi...
- MOSQUITO - Obrigado pelos elogios. Quer beber alguma coisa, bonitona?
- DENGUE - Não, obrigada.
- MOSQUITO - Mas eu estou com fome e sede, como gostaria de estar agora em uma residência com vasos de flores aquáticas e xaxins que não trocam as águas. Que delícia! Esses são meus amigos de verdade.
- DENGUE - Então eu não sou sua amiga, bonitão?
- MOSQUITO - É claro que sim. Você é uma das mil maravilhas do mundo!
- DENGUE - Eu adoro ouvir seu palavriado. Hi, hi, hi...

- MOSQUITO - Obrigado. É o que eu sempre ouço por aí. Mas afinal: Por onde andarão nossos amiguinhos?
- DENGUE - Eu também estou ansiosa, tudo faz crer que hoje | será um dia muito eufórico! Hi, hi, hi... - Sabe, bonitão, eu gostaria de lhe fazer um grande pedido?
- MOSQUITO - Até mais do que um! O seu pedido é uma ordem, bonita! Hu, hu, hu...
- DENGUE - Você me daria o prazer de uma dança?
- MOSQUITO - É claro! É claro, minha cara amiga. Apesar de não ser um bom dançarino. Hu, hu, hu...
- DENGUE - Se você dançar como canta, estarei realizada. Um momentinho. (a Dengue vai para o fundo de cena)
- MUSICAL - Liga música para dançar. "Danúbio azul".
- DENGUE - Que tal bonitão?! Hi, hi, hi... (os dois começam a dançar e, esquecem o mundo por um momento. - a música pára. O Mosquito agradece a o seu par).
- MOSQUITO - Você é uma extraordinária dançarina!
- DENGUE - Assim eu sinto arrepios pelo corpo todo! Hi,hi,hi - Bonitão, se pisai seus pés, peço-lhe mil perdões'.
- MOSQUITO - Oh! Claro que não! (nesse momento, entram Corró, Pimpão e Pipoca, agarrados ou não uns aos outros, olhando para todos os lados ou não).
- CORRÓ - Ah, há! Agora você está em nossas mãos! (os demais combatentes ficam próximos a Corró).
- MOSQUITO - (que acha graça de tudo, exclama para o público). Ora vejam só no que dá a presunção! Eu acho que | não estão conhecendo o Mosquito e a Dengue. (os | dois vilões passam a rir). Hu,hu,hu... Hi, hi,hi.
- PIMPÃO - Isso é uma humilhação! Chega de gozação!
- PIPOCA - Nós não estamos para brincadeira!
- CORRÓ - Se não se entregar, vai morrer!
- MOSQUITO - Era só o que faltava! Eu, o elegante, o charmoso e bonitão, Morrer! Isso me causa risos! Hu,hu,hu
- DENGUE - (para o público). O bicudão vai morrer??! Que pena!!
- PIMPÃO - Acabou a sua festa! Se se aproximar, eu vou caçar você. (se aproxima do mosquito).
- MOSQUITO - (para o público). Além de atrevidos, ainda são | mal educados! Não é mesmo pessoal? (a Dengue , em sua volta, comendo as unhas).
- CORRÓ - (com sua máquina apontada para o mosquito). Vai se entregar?
- PIMPÃO - Se não se entregar, eu vou encaçapar você!
- PIPOCA - (com sua lanterna, procura cegar o mosquito). Eu vou cegar seus olhos!

- MOSQUITO - (se sentindo totalmente perdido, exclama!). Vocês são três grandes provalcidos! (para o público). Vocês não acham pessoal?
- CORRÓ - Ninguém gosta de você. (para o público). Faço chí, chí nele pessoal?
- MOSQUITO - (ainda para o público). Não deixem ele fazer chí, chí, em mim! Isso é uma humilhação! (se volta para os mata-mosquitos). Por favor! Eu tenho um ótimo negócio para propor à vocês! (a Dengue não sabe onde se meter).
- PIMPÃO - Com você não temos negócio a fazer. Você é um péssimo comerciante. (para o público). Agora está tudo tabelado, não é mesmo pessoal?
- CORRÓ - (passa a precionar o mosquito com sua máquina exterminadora). Chega de roubar do povo! Seu tubarão nojento! E chega de blá, blá, blá. Vamos acabar logo com este monstro! (a Dengue vai começando a desaparecer por total).
- MOSQUITO - (exclamando muito). Por favor! Por favor! Eu serei bom para vocês! Eu prometo!
- PIFOCA - Você nunca vai ser bom para ninguém, e te ajoelha aí! Seu bicutão mentiroso e covardão.
- MOSQUITO - (ajoelhado). Eu não quero morrer! Eu não quero morrer! socorro! Socorro!
- CORRÓ - E você pensou assim quando atacou a Gabi? - Não! Pois você vai morrer. (funciona sua máquina até derrubar o mosquito, que cai ao chão, morto. - As luzes vão apagando lentamente e, após retorna com todos em cena, com o mosquito morto, os demais retornam com uma cantiga de roda; luz somente no grupo.)
- CANTIGA, BRINQUEDO DE RODA
- CORRÓ - Fiz chí, chí, no mosquito to to
- TODOS - E o mosquito to to
Não morreu, reu, reu,
Dona Dengue, gue, gue
Aliviada, da, da,
Do susto, que o mosquito deu.
- TODOS - SCHUÁ... (luz somente no meio da cantiga, escurece e, luz de uma cor só em Zanda).
- ZANDA - (com o mosquito vivo, estava dormindo em sua mesa de trabalho, acordá e, narra o sonho que teve, começando com a realidade e terminando no mundo fantástico da criança). (bocejando).

